

Atividade industrial gaúcha caiu 1,4% no primeiro semestre de 2017

As incertezas com a crise política postergam o começo da recuperação do setor.

Produção industrial do RS no 1º semestre e a lenta recuperação do setor

IBC-Br registra retração em maio e PIB deve ficar estagnado no 2º Trim.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Atividade industrial gaúcha caiu 1,4% no primeiro semestre de 2017

As incertezas com a crise política postergam o começo da recuperação do setor.

A atividade industrial gaúcha, aferida pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), caiu 0,9% de maio para junho, com ajuste sazonal, depois de alta de 2,1% no mês anterior.

Também dessazonalizados, o comportamento dos indicadores que compõem o índice de atividade foi distinto entre maio e junho. As compras industriais e a massa salarial real cresceram 2,2% e 1,7% respectivamente. Por outro lado, o faturamento real (-1,4%), as horas trabalhadas na produção (-1,1%) e a utilização da capacidade instalada – UCI (-1,2 p.p.) recuaram. Já o emprego ficou estável (-0,1%).

No confronto com o mesmo mês do ano anterior, a atividade industrial gaúcha apontou contração de 0,6% em junho de 2017, após avançar 2,1% em maio, quando registrou o primeiro crescimento em 39 meses.

Com o resultado de junho, o IDI/RS caiu 1,4% no primeiro semestre na comparação com o mesmo período de 2016. As taxas mais longas confirmam a tendência de estabilização: a variação nos últimos 12 meses (-3,2%) é a menos negativa em 33 meses.

No acumulado do primeiro semestre, os resultados mostram números negativos em quase todos os componentes da atividade industrial: compras industriais (-3,4%), horas trabalhadas na produção (-2,8%), emprego (-1,7%) e faturamento real (-0,4%). Já a UCI ficou estável em 78,8% na média do período, enquanto a massa salarial real apresentou crescimento de 1,9%.

Dentre os dezessete setores pesquisados, nove encerraram o primeiro semestre de 2017 com redução da atividade comparativamente a igual período de 2016, com destaque para Veículos automotores (-5,5%), Alimentos (-3,4%) e Móveis (-3,4%). Já as atividades de Tabaco (+4,8%), de Produtos de metal (+3,6%) e de Máquinas e equipamentos (+2,6%) forneceram as maiores contribuições positivas para o resultado geral.

Os dados negativos mostrados pelos Indicadores Industriais de junho não alteram o quadro de estabilização que a indústria gaúcha vem apresentando nos últimos meses, depois de três anos de quedas. O setor vem oscilando próximo de seu piso histórico.

As incertezas com a crise política, a questão fiscal e as reformas postergam o começo da recuperação do setor, abalado pela fraca demanda doméstica. Essa, por sua vez, é impactada pelo desemprego elevado, renda em declínio, crédito restrito e elevada ociosidade.

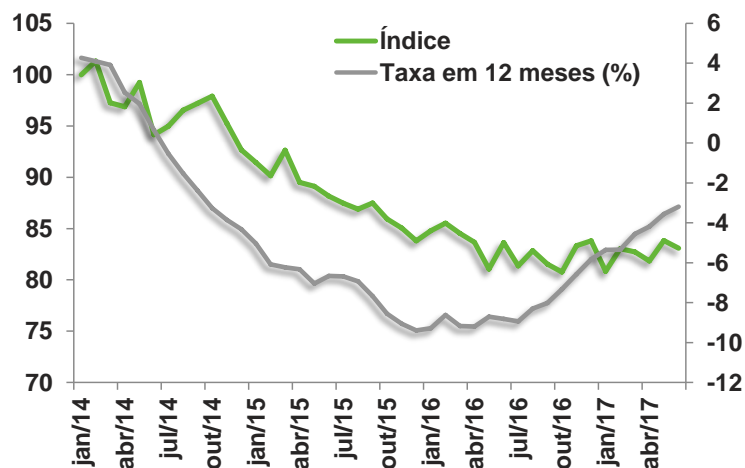
Assim, a perspectiva de reação lenta e gradual da atividade para o segundo semestre segue mantida, na esteira das reduções dos juros e da inflação, da ótima safra agrícola, enquanto que evolução da geração de emprego e das exportações de manufaturados permanecem insuficientes. Nesse cenário, a atividade da indústria gaúcha deve encerrar o ano de 2017 com desempenho muito próximo de nulo.

Indicadores Industriais do Rio Grande do Sul (Variações em % – junho de 2017)

	Variação %		
	Mês*	Mês ano anterior	Ac. ano
Índice de desempenho industrial	-0,9	-0,6	-1,4
Faturamento real	-1,4	2,4	-0,4
Horas Trabalhadas na produção	-1,1	-2,6	-2,8
Emprego	-0,1	-0,8	-1,7
Massa salarial real	1,7	7,9	1,9
Utilização da capacidade instalada	-1,2	-1,0	0,0
Compras Industriais	2,2	-3,9	-3,4

* Dessazonalizado

Índice de Desempenho Industrial – IDI/RS (Índice mensal com ajuste sazonal- Base: jan/2014 = 100 e Variação (%) acumulada em 12 meses)



Índice de Desempenho Industrial do RS – Setores (Variação acumulada no ano – junho de 2017 – %)



Fonte: UEE/FIERGS.

Produção industrial do RS no 1º semestre e a lenta recuperação do setor

A produção industrial gaúcha, medida pelo IBGE, voltou a cair em junho: -1,1% na comparação com maio, com ajuste sazonal, enquanto a produção brasileira ficou estável. Na comparação com o mesmo período do ano passado, a produção industrial do RS cresceu 2,1% em junho, fechando o primeiro semestre com alta de 1,9%, acima do desempenho brasileiro de +0,5%.

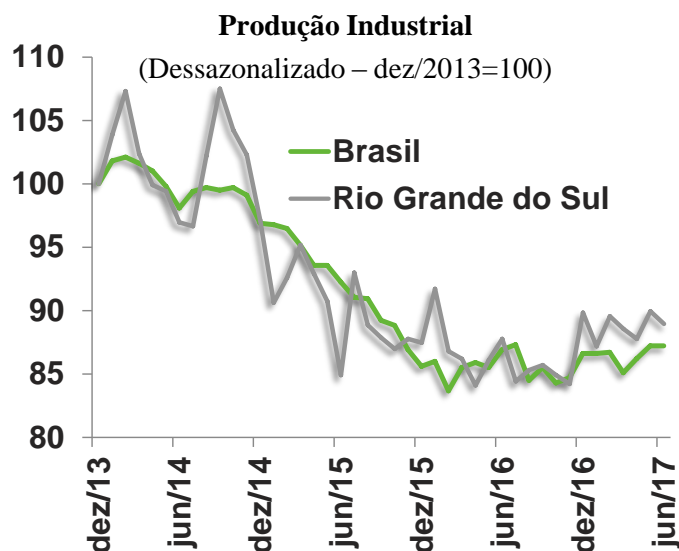
Entre os principais estados industriais, no primeiro semestre de 2017 comparativamente com mesmo período de 2016, destaque para o aumento da produção no Rio de Janeiro (+3,6%), em Minas Gerais (+2,3%), em Santa Catarina (+2,5%) e no Paraná (+3,1%). A indústria paulista (-0,1%) ficou praticamente estável, enquanto que a baiana recuou com força: -7,4%.

Em termos setoriais, a produção industrial gaúcha no primeiro semestre de 2017 cresceu em oito dos quatorze setores pesquisados. Os maiores impactos positivos vieram das indústrias de Tabaco (+27,1%), Veículos automotores (+5,8%), Bebidas (+14,4%) e Produtos de metal (+7,9%). As quedas mais relevantes foram registradas nas indústrias de Alimentos (-3,9%), Refino de petróleo e biocombustíveis (-5,6%) e Minerais não metálicos (-6,9%).

Mantendo o atual ritmo, a produção pode fechar o ano no positivo. Entretanto, a base de comparação no segundo semestre de 2017 é ligeiramente mais elevada,

o leva nossa projeção apontar para um crescimento próximo a 1% no acumulado do ano, ou seja, inferior ao obtido no primeiro semestre.

Caso essa previsão se confirme, teremos o primeiro crescimento desse indicador após três anos de queda: 2014 (-4,3%), 2015 (-11,5%) e 2016 (-3,9%). Dessa forma, para a produção da indústria gaúcha voltar ao nível de setembro de 2014, que é o pico recente da série, o crescimento necessário é de 21%. Em outras palavras, o crescimento de 2017 é o primeiro estágio de um longo processo de recuperação.



Fonte: PIM/IBGE.

IBC-Br registra retração em maio e PIB deve ficar estagnado no 2º Trim.

O Índice de Atividade Econômica do Banco Central (IBC-Br) mostrou retração de 0,51% da economia brasileira em maio na comparação com abril, descontados os efeitos sazonais. O índice que leva em conta o resultado mensal dos três grandes setores da economia (Agropecuária, Indústria, Comércio e Serviços) registra queda de 0,05% no acumulado do ano até maio de 2017 em comparação com o mesmo período do ano passado.

O resultado corrobora com a expectativa de estabilidade do PIB no segundo trimestre, após o forte crescimento dos três primeiros meses do ano impulsionados pela safra de grãos. O relatório FOCUS do Banco Central, que traz a expectativa dos agentes de mercado, aponta para uma queda de 0,1% no PIB do 2º trimestre frente ao mesmo trimestre do ano anterior.

A recuperação da economia brasileira segue em ritmo lento. A melhora nos índices de inflação e a queda na taxa de juros, resultado do momento recessivo, ainda não conseguiram criar um ambiente para a recuperação do consumo e dos investimentos.

A retomada esperada para a economia brasileira tem sido mais lenta do que a anteriormente esperada. Como as nuvens negras de uma tempestade que se forma no horizonte, o sentimento é de que a calma é

passageira. Não há como esquecer que as eleições de 2018 aumentarão a dose de incerteza e que os desafios para 2019 em diante somente serão superados com muito esforço. Realizar as reformas e ajustes que a economia brasileira precisa deverá custar muito caro para todos os segmentos da sociedade.

Diante desse cenário, consciente ou inconscientemente, empresários e consumidores consideram essa conjuntura para a tomada decisão de investimentos e consumo. Pelo lado dos consumidores, o risco de um agravamento na crise e o mercado de trabalho muito desaquecido moldam as decisões de aquisição de bens de maior valor, e tem suas atitudes pautadas pela cautela. Aqui temos o fenômeno dos empregados que se comportam como desempregados.

Do ponto de vista dos empresários, o cálculo considera além do maior risco de frustração da demanda, o quanto da conta do ajuste ainda recairá sobre seus ombros. A adequação requerida nas finanças públicas, estaduais e federais, pode representar ainda mais carga tributária. Nos últimos meses as surpresas nesse campo foram bastante negativas. Sendo assim, qualquer decisão de investimento tem que levar em conta o tamanho desta fatura e quanto tempo mais levará para a economia se reerguer.